



PROJECTO DE AVALIAÇÃO EM REDE

PAR

AUTO-AVALIAÇÃO DE ESCOLA

proj.avaliacao.em.rede@gmail.com

Maria Palmira Alves

Serafim Correia

Braga, 04 de Junho de 2008



Para que a escola se transforme numa organização que aprende, será necessário que aprenda a aprender.

Gather Thurler (2000, p. 196)

1. FUNDAMENTAÇÃO DO PROJECTO

A procura, a promoção, o incentivo e a avaliação de uma escola de qualidade têm sido os principais enfoques de todos aqueles que, directa ou indirectamente, intervêm na escola (professores, inspectores, encarregados de educação, discentes, entre outros). Ao longo destes anos, temos vindo a assistir a um debate em torno da necessidade de melhorar a qualidade da escola, em diversos discursos de cariz político, social, económico e científico. Como exemplo, veja-se o relatório elaborado pela OCDE¹, no final da década de 80, que procura analisar a qualidade do ensino obrigatório. Um outro exemplo, mais recente, traduz-se nas Recomendações do Parlamento Europeu e do Conselho de 2001², sobre a cooperação europeia em matéria de avaliação da qualidade dos ensinos básico e secundário. No caso português, temos vindo a assistir ao apelo da avaliação como um meio de fomentar a qualidade da escola com, por exemplo, a publicação de legislação³ que aprova o sistema de avaliação da educação e a avaliação externa das escolas desenvolvida pela Inspeção Geral de Educação.

Porém, o que é uma escola de qualidade? o que é a qualidade da aprendizagem dos alunos? partilharão os diversos intervenientes (professores, encarregados de educação, discentes, pessoal não

¹ Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económicos.

² As Recomendações do Parlamento Europeu e do Conselho de 12 de Fevereiro de 2001 sobre a cooperação europeia em matéria de avaliação da qualidade do ensino básico e secundário foram retiradas do site: http://europa.eu.int/eur-lex/pri/pt/oj/dat/2001/L_060/L_06020010301pt00510053.pdf (acesso em 10 de Maio de 2005).

³ Podemos observar uma associação entre a qualidade e a avaliação na Lei n.º 31/2002. Dos nove objectivos enunciados no artigo 3.º, cinco dizem respeito, directa ou indirectamente, à qualidade:

- a) Promover a melhoria da qualidade do sistema educativo, da sua organização e dos seus níveis de eficiência e eficácia [...];
- c) Assegurar o sucesso educativo, promovendo uma cultura de qualidade exigência e responsabilidade nas escolas;
- d) Permitir incentivar as acções e os processos de melhoria da qualidade, do funcionamento e dos resultados das escolas, através de intervenções públicas de reconhecimento e apoio a estas;
- f) Garantir a credibilidade do desempenho dos estabelecimentos de educação e de ensino;
- h) Promover uma cultura de melhoria continuada [...].



docente) as mesmas perspectivas sobre a qualidade que a sua escola deve promover ou existirão opiniões divergentes?

Promover e sustentar a qualidade, implica a construção de um dispositivo de avaliação, que seja um processo adequado à construção de uma escola de qualidade partilhada e desejada por toda a comunidade educativa. É, assim, imperativo que a escola adira a uma cultura de avaliação que permita:

- a) a prestação de contas, decorrente da maior responsabilidade inerente à autonomia
- b) o desenvolvimento de aprendizagens organizativas significativas;
- c) o desenvolvimento profissional dos professores.

O desenvolvimento de um dispositivo de auto-avaliação pode seguir diversos caminhos, tais como os que assentam numa perspectiva de escola como uma organização igual às demais organizações ou os que assentam numa perspectiva que considera a escola como uma organização específica, distinta das demais. Assim, no primeiro caso, o dispositivo de auto-avaliação enquadra-se num modelo estruturado que pode ser utilizado por qualquer escola sem grandes alterações; no segundo caso, o modelo assenta numa estrutura aberta que faculta o desenvolvimento de dispositivo que responda às necessidades próprias de uma escola inserida num contexto que lhe é particular.

A escola é uma organização peculiar (Santos Guerra, 2001)⁴, pois todas as escolas são, simultaneamente, iguais e diferentes, pelo que para fazer a leitura de cada escola, se deverá recorrer a uma metodologia que proporcione a sua compreensão e, previsivelmente, o seu conhecimento. Mais do que uma metodologia de descrição da realidade, a *referencialização* assume-se como uma prática de investigação e de avaliação, que procura as referências criteriosamente mais adequadas ao contexto, tendo como intuito contribuir para a melhoria / aperfeiçoamento da escola.

O Projecto de Avaliação em Rede (PAR) nasce com a finalidade de habilitar as escolas a desenvolver dispositivos de auto-avaliação, úteis ao desenvolvimento da construção de uma escola de qualidade. Ao longo do presente ano lectivo, temos vindo a promover, no Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, um conjunto de actividades formativas na área da auto-avaliação de escola assente numa lógica que habilite os actores das escolas a fazer o que deve ser feito, em vez de lhes dizer o que devem fazer. As experiências trocadas e o apoio que possibilitámos nestas iniciativas mostraram-nos a importância da partilha de experiências, quer entre os diversos intervenientes das escolas, quer entre estes e os investigadores. Esta percepção é confirmada pela avaliação que foi feita

⁴ Santos Guerra (2001). *A escola que aprende*. Porto Edições ASA.



pelos participantes que realçaram a importância destas iniciativas e que nos desafiaram a dar-lhes continuidade.

O PAR é uma iniciativa que surge da necessidade, quer de formação dos responsáveis pelo desenvolvimento de dispositivos de auto-avaliação de escola, quer da criação de uma rede de partilha de experiências que quebre o isolamento que ainda persiste no seio das nossas escolas. É de realçar que esta última necessidade é apontada como estratégia a seguir pelas escolas, quer pela equipa responsável pelo Projecto-Piloto sobre a Avaliação Externa⁵, quer na Declaração da Conferência de Viena, em Novembro de 1998, que decorreu no âmbito do Projecto-Piloto Europeu sobre a Avaliação da Qualidade⁶. É de destacar, ainda, que este tipo de iniciativa é um processo que se reveste de enorme complexidade porque se, por um lado, é sempre um acto inacabado (devido à constante evolução da escola), por outro lado, é sempre um acto interpretativo, que resulta dos diferentes olhares que, sobre a escola, se podem ter.

2. OBJECTIVOS

Os desafios que esta sociedade coloca à escola levam-nos a reclamar que é premente desenvolver processos de auto-avaliação que envolvam toda a comunidade educativa, com o intuito de se consciencializarem acerca das dinâmicas produzidas no seu seio, para se conduzirem as acções colectivas que sejam promotoras da melhoria da escola. Este é o desafio que pretendemos promover

⁵ Quando se fala das estratégias de desenvolvimento interno das organizações, sabemos que existem determinados factores que favorecem uma maior economia de esforços com melhores resultados. Entre esses factores menciona-se muitas vezes o papel das lideranças, o trabalho cooperativo, o clima de confiança e a articulação entre estruturas e pessoas. Refere-se também que as escolas, fazendo parte de uma rede nacional e de várias redes regionais e locais, nem sempre exploram este factor como um recurso de efeitos aceleradores e benefícios mútuos. Por isso se sugere que o arranque da auto-avaliação seja mais um pretexto para acelerar o desenvolvimento, aprendendo com a experiência, a criatividade e o profissionalismo dos outros:

a. Redes de escolas e apoios específicos

Tem-se revelado frutuosa a constituição de redes de escolas que desenvolvam dinâmicas associativas de apoio ao desenvolvimento de melhoria da educação, através do intercâmbio de boas práticas, da partilha de recursos, da colaboração dos órgãos de gestão, do apoio à auto-formação, etc.. É importante organizarem-se visitas de estudo entre escolas como forma não só de partilhar, mas de dar visibilidade ao que se faz bem e de aprender com os outros, tão iguais ou tão diferentes uns dos outros.

Para o apoio directo às escolas ou grupos de escolas, a colaboração das instituições do ensino superior e de outros centros com as competências requeridas poderá assumir um papel de relevo no campo da auto-avaliação, o que se pode concretizar pela participação como “amigo crítico” ou pela assessoria junto dos órgãos de gestão ou do grupo responsável pela animação da auto-avaliação. (Relatório final da Actividade do Grupo de Trabalho para Avaliação das Escolas)

⁶ cujas recomendações às escolas são:

- integrar e tirar proveito das experiências e pontos de vista de todos os actores relevantes da comunidade educativa, internos e externos à escola,
- durante o processo de avaliação da escola, procurar activamente possibilidades de estabelecer redes entre todos os membros das comunidades educativas, quer a nível nacional, quer europeu, de modo a trocar informações e experiências, permitindo que uns aprendam com os outros,
- realizar visitas de estudo a outras escolas que se encontrem a desenvolver processos de auto-avaliação, tanto no plano nacional como comunitário, (...)



com o lançamento do projecto de *uma rede de escolas* para troca de experiências e partilha de problemas, no âmbito da auto-avaliação de escola. É um facto que a auto-avaliação se tornou hoje uma necessidade da escola, mas é também um facto que um apoio especializado e o conhecimento de outras realidades poderão beneficiar a sustentação do processo. Assim, os principais objectivos deste projecto são:

- criar as condições para a existência de uma cultura de auto-avaliação
- capacitar as escolas a desenvolver a *referencialização* como uma modelização de construção e desenvolvimento de dispositivos de auto-avaliação de escola contextualizados à realidade particular de cada escola
- promover momentos de reflexão e de partilha de experiências no âmbito da auto-avaliação de escola
- apoiar as escolas a desenvolver o seu dispositivo de auto-avaliação de escola, assente numa perspectiva de *amigo crítico*
- uma rede de escolas que funcione como uma comunidade de aprendizagem em torno do desenvolvimento de dispositivos de auto-avaliação de escola

3. ESTRUTURA

O desenvolvimento do PAR será estruturado em duas fases com a duração total de 2 anos podendo, posteriormente, ser prolongado no tempo. A primeira fase consiste no desenvolvimento de uma oficina de formação – 25h presidenciais e 25h de trabalho autónomo, que decorrerá entre o 1.º e início do 2.º período do próximo ano lectivo, preferencialmente, ao sábado de manhã, num local da conveniência das escolas participantes.

A segunda fase assenta numa perspectiva de *amigo crítico* que apoiará as equipas de auto-avaliação de escola e orientará a *rede de escolas* promovendo, pelos menos, dois encontros por período para partilha de experiências vividas por cada um, na sua escola. Estes encontros ocorrerão nas diversas escolas participantes, funcionando como uma *visita de estudo* que proporcione não só a partilha, mas a visibilidade de cada realidade, por forma aos participantes aprenderem com os outros que estão em realidades que são semelhantes e, simultaneamente, muito diferentes.



A par da partilha dessas vivências, pretendem-se promover encontros temáticos (um por semestre) com investigadores / especialistas em áreas úteis ao desenvolvimento de determinados aspectos de um dispositivo de auto-avaliação.

4. PROCEDIMENTOS PARA PARTICIPAR NO PAR

Qualquer escola ou agrupamento de escolas pode propor-se a aderir ao projecto PAR. Neste primeiro momento, pretendemos envolver dez escolas / agrupamentos, no máximo. Sendo um projecto de rede de escolas, a adesão obriga a que seja estabelecido um protocolo de cooperação e de responsabilidade, onde serão definidos os papéis / funções de cada um dos intervenientes.

Para aderir a este projecto, a escola terá que ter designado uma equipa responsável pelo desenvolvimento do dispositivo de auto-avaliação. Embora defendamos a auto-avaliação de escola como um processo desenvolvido pela comunidade educativa, é necessária a constituição de uma equipa que se responsabilize pelo seu desenvolvimento. Não devendo ser numerosa (entre seis a oito elementos), a equipa deve ser constituída por diferentes elementos da comunidade educativa (professores, discentes, encarregados de educação, pessoal não docente, entre outros), para poder contemplar os interesses e necessidades de todos eles. Sendo a equipa constituída por diferentes elementos da comunidade educativa é desejável que exista um(a) coordenador(a) – papel que deve caber a um professor, que assuma a responsabilidade de orientar o trabalho de cada um dos elementos. A par do(a) coordenador(a), cabe à escola seleccionar mais dois elementos (professores) para participar na Oficina de Formação que decorrerá na primeira fase do projecto. Designados por respondentes, estes elementos ficarão responsáveis por estabelecer o *elo* de ligação entre nós (equipa de *amigos críticos*) e a equipa de auto-avaliação da sua escola.

Sendo o desenvolvimento de um dispositivo de auto-avaliação de escola uma actividade complexa, exige-se que a escola disponibilize, no horário dos professores pertencentes à equipa, tempo (não lectivo) para o desenvolvimento das actividades inerentes a este tipo de iniciativa – no mínimo 90' por semana.

O desenvolvimento do dispositivo de auto-avaliação de escola decorrerá com o nosso apoio ao longo do tempo de duração do projecto, o qual é decomposto em três dimensões: o induzido (Como estamos?), o construído (Como é que sabemos?) e o produzido (Onde chegamos?).



No final de cada ano, cada escola redigirá um relatório de actividades anual, na base de um guião negociado entre as partes envolvidas. Este relatório de actividades tem como finalidade mostrar as aquisições, inventariar os problemas, definir as regulações e planificar o ano subsequente. Depois da leitura dos diversos relatórios de actividades, a equipa de *amigos críticos* redige um relatório síntese, onde se evidenciarão as aquisições e os problemas a resolver.

5. ENCARGOS DA ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO

A adesão a este projecto envolve encargos que a escola deve assegurar, nomeadamente:

- a) no momento da realização das *visitas de estudo*, cada escola deverá assegurar as despesas de deslocação dos respondentes da sua equipa de auto-avaliação, na medida em que serão de carácter obrigatório;
- b) quando ocorre na escola a visita de estudo ela deve assegurar a disponibilidade de recursos físicos e materiais para a realização do evento e o fornecimento de fotocópias;
- c) pagamento de 500€ para as despesas do apoio para monitorização (tempo de acessoria, deslocações, alimentação, materiais a fornecer) que iremos desenvolver ao longo dos dois anos do funcionamento do projecto.

6. RESULTADOS

A par dos objectivos mencionados anteriormente, o PAR pretende, fundamentalmente, criar comunidades de aprendizagem intra e inter escolas que desenvolvam um dispositivo de auto-avaliação contextualizado que permita a prestação de contas, decorrente da maior responsabilidade inerente à crescente autonomia e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de aprendizagens significativas que proporcionem a construção de uma escola de qualidade que é desejada pela comunidade educativa de cada escola.

O projecto PAR pretende também fomentar nos participantes a elaboração de artigos e comunicações que funcionem como meio de divulgação de boas práticas ao nível do desenvolvimento de dispositivos de auto-avaliação de escola. A este nível, gostaríamos de realçar que serão definidas linhas orientadoras que salvaguardem a confidencialidade das escolas participantes.

No final dos dois anos, o projecto PAR termina com um seminário onde será divulgado, pelos participantes, todo o trabalho realizado para que se inicie a redefinição de um novo rumo.



7. CALENDARIZAÇÃO

O início do projecto PAR está agendado para Outubro de 2008. Neste momento, o projecto PAR foi divulgado junto dos participantes das *workshops* desenvolvidas no âmbito da auto-avaliação de escola desenvolvido na Universidade do Minho e estamos a iniciar a divulgação junto das escolas e agrupamentos de escolas. Sendo este projecto ainda muito recente, iremos promover uma sessão de esclarecimento no dia 28 de Junho (hora a definir), na Universidade do Minho ou num local da conveniência das escolas que estiverem interessadas em participar (dois representantes - um elemento do Conselho Executivo ou Conselho Pedagógico ou Assembleia de Escola e um representante da equipa de auto-avaliação de escola). Para participar nesta sessão, solicitamos o preenchimento do questionário (até 22 de Junho) que vai em anexo ao e-mail de divulgação deste projecto.

Em síntese, a calendarização das actividades será a seguinte:

Abril - 2.^a semana de Junho

- Divulgação do Projecto PAR

28 de Junho (sábado)

- Sessão de esclarecimento com as escolas interessadas (*horário e local a definir*)

Julho

- Assinatura do protocolo

Outubro

- Início do PAR

8. CONTACTOS

No caso de necessitar de mais alguma informação contacte-nos:

proj.avaliacao.em.rede@gmail.com